

# PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE DISCURSO LITERÁRIO DE FANTASIA

## TOWARDS A CHARACTERISATION OF FANTASY LITERARY UNIVERSE OF DISCOURSE

Raphael Marco Oliveira Carneiro  
Universidade Federal de Uberlândia  
UFU/Campus Santa Mônica  
[raphael.olic@gmail.com](mailto:raphael.olic@gmail.com)

Guilherme Fromm  
Universidade Federal de Uberlândia  
UFU/Campus Santa Mônica  
[guifromm@ufu.br](mailto:guifromm@ufu.br)

**Resumo:** Este trabalho pretende contribuir para uma caracterização de aspectos cognitivos, semióticos, semânticos e lexicais do discurso literário de fantasia. Examinam-se aspectos da constituição enunciativa e discursiva da comunicação literária, bem como os patamares cognitivo, semiótico e linguístico do texto literário de fantasia. Partimos principalmente de um quadro teórico composto por contribuições dos estudos lexicais e semióticos e da semântica ficcional de mundos possíveis para compreender o funcionamento da semiose da fantasia literária. O estudo evidencia aspectos caracterizadores do universo de discurso literário de fantasia incluindo a imaginação criadora; a serialização como modo de produção discursivo; a heterogeneidade semântico-conceptual do texto de fantasia; a interdiscursividade e intertextualidade com discursos etnoliterários; e a especificidade semântico-conceptual de unidades lexicais em uso nesse universo de discurso.

**Palavras-chave:** discurso literário de fantasia; mundo ficcional; linguagem literária; semiose; universo de discurso.

**Abstract:** This paper is aimed at contributing to the characterisation of cognitive, semiotic, semantic and lexical features of fantasy literary discourse. We examine enunciative and discursive aspects of literary communication as well as the cognitive, semiotic and linguistic dimensions of the fantasy literary text. The study draws on a theoretical framework which comprises lexical and semiotic studies, and fictional semantics of possible worlds for understanding the semiosis of fantasy literature. The study foregrounds characterising aspects of the fantasy literary universe of discourse including creative imagination; serialisation as a discursive production mode; semantic-conceptual heterogeneity of the fantasy text; interdiscursivity and intertextuality with ethnoliterary discourses; and the semantic-conceptual specificity of lexical units used in this universe of discourse.

**Keywords:** fantasy literary discourse; fictional world; literary language; semiosis; universe of discourse.

### Introdução

Tendo em vista uma tipologia de universos de discurso, questão relevante para a teoria semiótica<sup>1</sup> segundo Pais e Barbosa (2004, p. 80), este trabalho pretende contribuir

---

<sup>1</sup> Teoria semiótica é entendida como uma teoria da significação que busca “[...] explicitar, sob a forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS,

para uma caracterização de aspectos cognitivos, semióticos, semânticos e lexicais do universo de discurso literário de fantasia. Examinam-se aspectos da constituição enunciativa e discursiva da comunicação literária, bem como os patamares cognitivo, semiótico e linguístico do engendramento conceptual do texto literário de fantasia. Com base principalmente em um quadro teórico composto por contribuições dos estudos lexicais e semióticos e da semântica ficcional de mundos possíveis, buscamos compreender o funcionamento da semiose da fantasia literária. Para exemplificar nossas considerações, partimos de estudos do autor em língua inglesa (CARNEIRO, 2016) sobre a série literária Harry Potter e outros três volumes complementares que expandem o mesmo mundo ficcional criado por J. K. Rowling.<sup>2</sup>

Obras literárias de fantasia têm gozado de grande popularidade nos últimos anos, tanto no Brasil quanto além-mar. As literaturas de expressão em língua inglesa destacam-se por uma tradição no âmbito do universo de discurso literário de fantasia. Dentre tantas séries literárias de fantasia (cf. CARNEIRO, 2016), a série Harry Potter se destaca pelo grande sucesso alcançado entre crianças, adolescentes e adultos na virada do milênio, de 1997 a 2007. Assim, justifica-se o estudo do discurso literário de fantasia para um reconhecimento e entendimento dos processos cognitivo, semiótico e linguístico que engendram a significação desse tipo de manifestação discursiva caracterizada pela imaginação criadora. Além disso, estudar o universo de discurso literário de fantasia e seus processos de conceptualização e lexemização, é reconhecer que o imaginário humano se constitui como um conjunto de unidades lexicais que se configuram como documentos da evolução de representações culturalmente construídas.

## **1 Linguagem, linguagem literária e comunicação social**

Benveniste (2005, p. 20), ao estabelecer uma distinção entre língua e linguagem afirma que, “[...] a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza.” Além disso, reconhece “[...] o poder fundador da linguagem, que instaura

---

2016, p. 455). Assim, buscamos explicitar alguns aspectos relacionados à apreensão e à produção do sentido no universo de discurso literário de fantasia.

<sup>2</sup> As obras que compõem a série Harry Potter são: *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*, *Harry Potter and the Goblet of Fire*, *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, *Harry Potter and the Deathly Hallows*. Também fazem parte do mesmo mundo ficcional, as obras *Fantastic Beasts and Where to Find Them*, *Quidditch Through the Ages* e *The Tales of Beedle the Bard*.

uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, 2005, p. 27). Tal concepção de linguagem reforça o *princípio da imaginação criadora*<sup>3</sup>, ou seja, a linguagem é capaz de instaurar, animar, fazer ver e trazer de volta realidades e mundos que de outra forma não seriam possíveis e, nesse processo, a língua, manifestada em textos, é um dos meios pelo qual podemos materializar e acessar tais mundos. A partir dessas concepções, entendemos que a ficção literária é um fenômeno cognitivo e linguístico decorrente da capacidade criadora da linguagem e do poder da língua de codificar mundos ficcionais.

Desses conceitos iniciais decorrem nossas concepções de literatura e linguagem literária, explicitadas em sequência:

Literatura deve [...] ser vista como um mundo linguístico sintético (fictício) criado por um autor motivado e trazido juntamente com o receptor para dentro de um discurso. Nela podemos eventualmente encontrar indícios interpretativos. Ela se opõe, como um mundo de contraste (‘mundo possível’) a outros mundos possíveis – cotidiano, ciência, instituições, religião. Suas formas de ação e objetos abrangem tudo aquilo que pode ser expresso através de uma forma linguística estética; nela é verdadeiro tudo aquilo que parece verdadeiro através de sua forma linguística.

[...]

Linguagem literária é então a composição estética dos subsistemas/variantes, elementos e regras de uma língua utilizados na elaboração de tais mundos linguísticos sintéticos que se transformam no processo da composição de maneira funcional e/ou conteudística (STEGGER, 1987, p. 131).

Depreende-se das concepções acima que, a linguagem literária não se configura como uma linguagem à parte. Pelo contrário, ela faz uso de elementos, regras e variantes do sistema linguístico como um todo, de acordo com os propósitos estéticos de determinada obra literária na criação de mundos linguísticos sintéticos. O que a difere da linguagem comum é a sua esfera de existência. Em outras palavras, a linguagem literária opera em uma delimitação ontológica diferente da língua natural. Enquanto a língua natural é ontologicamente delimitada pelo mundo real, a linguagem literária é ontologicamente delimitada por um mundo linguístico ficcional. Inserida na comunicação social, Steger (1987) concebe a linguagem literária como um *funcioleto*, cuja dimensão funcional ou motivação pragmática é preponderante para a sua distinção

---

<sup>3</sup> Tal princípio é decorrente da capacidade humana de simbolizar. Nas palavras de Benveniste (2005, p. 27-28; grifo nosso), “a faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o *princípio da imaginação criadora*. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem. Desperta muito cedo na criança, antes da linguagem, na aurora da sua vida consciente. Mas falta no animal.”

de outros tipos de linguagens. Tal motivação é a de criação sintética de um mundo ficcional (motivação sintética) em contraste com as motivações da comunicação cotidiana e comunicação científica e técnica, que são, respectivamente, motivação para o domínio da vida prática (motivação prática) e motivação para a análise descritiva e explicativa do mundo empírico (motivação analítica).

Considerando também que “a arte é um sistema modelizante secundário” (LOTMAN, 1978, p. 37), então “a linguagem literária como texto artístico seria expressão de uma linguagem secundária que não é natural, mas que se baseia numa linguagem natural” (STEGER, 1987, p. 130). Assim, a linguagem literária funciona como um sistema modelizante secundário que atua na construção de uma percepção de mundo, na criação de um mundo ficcional, um mundo de contraste, de possibilidades alternativas ao mundo real. Em resumo, a linguagem literária é dotada de uma motivação pragmática específica, ou seja, motivação para a criação sintética de um mundo ficcional, de forma que seus modos de ação, objetos e delimitação ontológica circunscrevem-se em relação a tudo aquilo que se torna manifesto por meio de uma forma linguística, sendo que a validade de seus enunciados refere-se ao que é ‘verdadeiro’ por meio da forma estética (STEGER, 1987).

O ato de apropriação da língua por um enunciador produz um texto, enquanto produto, enunciado, em um processo discursivo de produção, que inclui uma enunciação de codificação e uma enunciação de decodificação. Em outras palavras, a comunicação literária instaura um ato de construção de um mundo ficcional pelo enunciador e um ato de reconstrução desse mundo pelo enunciatário. As posições dos diferentes sujeitos da enunciação na comunicação literária estabelecem papéis distintos que podem ser esquematizados conforme o modelo narratológico<sup>4</sup> de Chatman (2005, p. 143):

#### Texto Narrativo

Autor real → Autor implícito → (Narrador) → (Narratário) → Leitor implícito → Leitor real

No esquema anterior, o uso parentético indica que se tratam de elementos opcionais do texto narrativo, uma vez que tanto narrador quanto narratário podem estar

---

<sup>4</sup> Entendemos que a comunicação literária se dá de forma mais complexa do que o referido modelo. Contudo, trata-se de um modelo satisfatório para os propósitos deste estudo.

explicitamente ou não definidos no texto. As posições de enunciador e enunciatário recobrem as de autor implícito e leitor implícito, posições essas obrigatórias que são instituídas e pressupostas pelo ato de enunciação. O autor real e o leitor real estão do lado externo da comunicação literária narrativa, mesmo que, de um ponto de vista prático, são indispensáveis (CHATMAN, 2005). Observa-se que o esquema anterior serve também para pensarmos o fazer cognitivo<sup>5</sup> imbricado na comunicação literária, de maneira que identificamos o fazer persuasivo do enunciador/autor implícito e o fazer interpretativo do enunciatário/leitor implícito. O espaço cognitivo global (GREIMAS; COURTÉS, 2016) estabelecido entre enunciador e enunciatário é relativo, de modo que o enunciatário adquire o saber sobre o mundo ficcional progressivamente ao longo da leitura.

O texto literário assim localizado no ato de enunciação assume um estatuto perante o meio social, de modo que os diversos tipos de textos são valorizados em função de atributos variados socialmente determinados. No caso dos discursos literários, o estatuto sociossemiótico que assumem é o de textos ficcionais.

[...] os discursos literários [...] são vistos como *ficcionais*, despertam *emoções*, suscitam o *prazer do texto* e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’ mas *metáforas da vida*, que conduzem a uma melhor compreensão desta. A *função estética* é elemento determinante de sua *eficácia* e de sua *valorização social* (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 82).

É preciso assinalar o relativismo cultural envolvido em se definir o discurso literário como ficcional. Diferentes culturas podem apresentar noções diferentes sobre o que é real e o que é ficcional, não sendo a ficção, portanto, uma característica da natureza do discurso literário. Greimas e Courtés (2016, p. 483) explicam que há um nível de conotação social (conjunto de atitudes que uma sociedade atribui aos discursos) que estabelece o grau de veridicção que uma sociedade atribui aos discursos, gerando distinções entre o que é realidade e o que é ficção. Assim, assumindo o mundo ocidental como referência, diríamos que nessas sociedades, ou nas sociedades industriais ou pós-industriais mais especificamente, o estatuto sociossemiótico do discurso literário é o de ficção. Tanto é que, para evitar qualquer tipo de relação com eventos, objetos ou pessoas do mundo real, é extremamente comum encontrar na página do copirraite de romances em língua inglesa um aviso explícito de que se trata de uma obra de ficção,

---

<sup>5</sup> ‘Cognitivo’ refere-se “[...] a diversas formas de articulação – produção, manipulação, organização, recepção, assunção, etc. – do saber” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 64).

como o seguinte: *This is a work of fiction. Names, characters, places and incidents either are products of the author's imagination or are used fictitiously. Any resemblance to actual events or locales or persons, living or dead, is entirely coincidental.*

Tendo esclarecido essas concepções básicas, passamos aos aspectos semânticos gerais que caracterizam os mundos ficcionais literários.

## 2 Semântica e mundos ficcionais

Concebendo a ficcionalidade principalmente como um fenômeno semântico na relação entre ‘representação (signo) – mundo’, Doležel (1998) propõe uma semântica ficcional com base no conceito de mundos possíveis.<sup>6</sup> Doležel (1998, p. ix) constata que, “o universo de mundos possíveis está constantemente se expandindo e se diversificando graças à incessante atividade construtora de mundos por meio das mentes e mãos humanas.”<sup>7</sup> O mesmo autor também reconhece que, “a ficção literária é provavelmente o laboratório experimental mais ativo do empreendimento construtor de mundos.”<sup>8</sup> Assim, “os mundos ficcionais da literatura são um tipo especial de mundo possível; eles são artefatos estéticos construídos, preservados e transmitidos por meio de textos ficcionais”<sup>9</sup> (DOLEŽEL, 1998, p. 16), de modo que um mundo ficcional é definido como “um mundo possível construído por um texto ficcional ou outro meio performativo semiótico”<sup>10</sup> (DOLEŽEL, 1998, p. 280).

Conforme Doležel (1998), em sua caracterização de mundos ficcionais, ressaltamos os seguintes aspectos: são conjuntos de possíveis estados não-reais, ilimitados e altamente variados; são acessados por meios semióticos; podem ser semanticamente heterogêneos; são construídos da atividade textual humana (cf. DOLEŽEL, 1998 para uma explanação detalhada desses aspectos). De modo conciso, mundos ficcionais são engendrados por meio da tessitura do enunciado que atua como

---

<sup>6</sup> Com base em Doležel (1998), define-se ‘mundo’ como a totalidade de entidades materiais e mentais que pode ser designada por meios linguísticos ou outros meios semióticos, ‘mundo real’ como um mundo possível realizado que é percebido pelos sentidos humanos e fornece o palco para a atuação humana, ‘mundo possível’ como um mundo que é pensável.

<sup>7</sup> No original: *The universe of possible worlds is constantly expanding and diversifying thanks to the incessant world-constructing activity of human minds and hands.*

<sup>8</sup> No original: *Literary fiction is probably the most active experimental laboratory of the world-constructing enterprise.*

<sup>9</sup> No original: *Fictional worlds of literature [...] are a special kind of possible world; they are aesthetic artifacts constructed, preserved, and circulating [sic] in the medium of fictional texts.*

<sup>10</sup> No original: *A possible world constructed by a fictional text or other performative semiotic medium.*

propulsor e mediador semiótico da construção e reconstrução de um mundo ficcional. Principalmente em textos caracterizados pela fantasia, a construção semântica de mundos ficcionais se dá de forma heterogênea por meio da mesclagem de traços semântico-conceituais de ambos os mundos real e ficcional, igualmente concebidos como construções conceituais. Isso porque “para que seja possível fazer comunicar-se entre si o mundo possível narrativo e o mundo da experiência real, para entender em quais pontos divergem, é necessário tratar os dois como construções conceituais” (VOLLI, 2012, p. 107).

Assim, a proposta da semântica ficcional apresentada por Doležel não preconiza uma ruptura das conexões passíveis de serem estabelecidas entre ficção e realidade, pelo contrário, sua proposta está assentada em uma troca bidirecional entre essas duas instâncias conceituais. Em suas palavras, “[...] em uma direção, ao construir mundos ficcionais, a imaginação poética trabalha com ‘material’ retirado da realidade; na direção oposta, construtos ficcionais influenciam profundamente nossa imaginação e entendimento da realidade”<sup>11</sup> (DOLEŽEL, 1998, p. x). Por isso, em semântica profunda o discurso literário ficcional se erige na tensão dialética do eixo semântico [mundo real]–[mundo ficcional].

Dessa maneira, a ficção de cunho realista é tão ficcional quanto a de fantasia. O que as difere é que a ficção literária realista, apesar de também construir um mundo ficcional, aproxima-se mais do mundo real na sua estruturação semântica, e a ficção de fantasia, por sua vez, aproxima-se mais de um mundo ficcional. Os sememas<sup>12</sup> que constituem as unidades lexicais da ficção realista são derivados do mundo real, enquanto os sememas das unidades lexicais da ficção literária de fantasia são, em grande medida, derivados ou construtores de um mundo possível ficcional. Ambas, contudo, caracterizam-se como ficção. Assim, os eventos narrados nos textos literários

---

<sup>11</sup> No original: *In one direction, in constructing fictional worlds, the poetic imagination works with “material” drawn from actuality; in the opposite direction, fictional constructs deeply influence our imaginig and understanding of reality.*

<sup>12</sup> Segundo Volli (2012, p. 70-71), “os semas nucleares definem os traços invariáveis em um lexema, aqueles traços que justificam a especificidade de seu significado, de seu valor, que permanece constante independentemente do contexto de aparição. Os semas contextuais, por sua vez, são aqueles que dependem do contexto no qual o lexema é inserido e servem para declinar o significado invariável segundo as particulares acepções que aquele lexema pode, de vez em quando, assumir. O significado de um lexema depende sempre da combinação de ao menos um sema nuclear com pelo menos um sema contextual. É esta combinação, variável evidentemente a cada inserção do lexema em um texto dado, que toma o nome de semema. [...] O semema, como se vê, reúne em si feixes de semas que, combinando-se, justificam as significações específicas de cada ocorrência.”

de fantasia dizem respeito *a priori* a um mundo ficcional. Pelo fazer cognitivo-interpretativo do enunciatário, a ficção frequentemente revela que tem muito a dizer sobre a vida no mundo real. O significado que é atribuído à ficção a partir do mundo real é um significado indireto, simbólico, porque inicialmente os seus significados constroem-se tendo como referência um mundo ficcional. Assim, mundo real e mundo ficcional constituem, sincreticamente, a base de referência semântica para a lexemização<sup>13</sup> de traços semântico-conceptuais em unidades lexicais que qualificamos como ficcionais.

Em termos semânticos, a linguagem literária realizada em uma obra específica é estruturada na relação entre mundo real e mundo ficcional, de maneira que o texto literário pode engendrar sememas próprios de um mundo ficcional, principalmente quando se trata do universo de discurso literário de fantasia, que não se limita a supostas correspondências com o mundo real (JEHA, 2001). Esses sememas podem gerar estranhamentos ao leitor, uma vez que eles geralmente divergem da experiência humana biofísica do real. É na formação de um semema divergente e inusitado que jaz um dos aspectos geradores de efeitos insólitos comumente associados aos discursos literários de fantasia. Quando lexemizados no discurso, esses sememas geram unidades lexicais próprias de um universo de discurso. Lexemas como *centaur*, *fairy*, *unicorn*, *werewolf*, por exemplo, são mais comumente encontradas com seus significados referentes a animais mágicos em textos literários ficcionais. Unidades lexicais neológicas, como *Dementor*, *Thestral*, *Quidditch*, *Horcrux* encontradas na série Harry Potter, ilustram a ideia de que obras literárias de fantasia tendem a fazer uso de unidades lexicais para denominar elementos particulares e característicos de um mundo ficcional, gerando uma intrincada rede de relações intratextuais e intertextuais (cf. CARNEIRO, 2016).

### 3 Universo de discurso literário de fantasia

Iniciamos esta discussão com as origens da fantasia literária que, de acordo com Stableford (2005), remontam ao século VIII antes de Cristo com os épicos Homéricos. Nos séculos seguintes, encontramos as fábulas de Aesop, tragédias gregas de Aeschylus, Sophocles, Aristophanes, mitologia clássica, *Beowulf*, Dante, dentre tantos

---

<sup>13</sup> Lexemização é o processo da “[...] conversão do *conceito* em *grandeza-signo*, em que se deixa o nível *cognitivo*, para se passar ao nível semiótico [...] no próprio ato de instaurar a significação” (BARBOSA, 2004, p. 57).



outros exemplos que contribuíram para a tradição literária de fantasia. Mas é Geoffrey Chaucer com *The Canterbury Tales* quem é creditado por introduzir a fantasia na tradição nascente da literatura inglesa (STABLEFORD, 2005, p. XV). Desde então, passando por Shakespeare, Jonathan Swift, as traduções dos contos de Jakob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen, Lewis Carrol, L. Frank Baum, J. M. Barrie, C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Lloyd Alexander, Ursula K. le Guin, Angela Carter, Marion Zimmer Bradley, Terry Pratchett, Philip Pullman, J. K. Rowling, Eoin Colfer e muitos outros autores, a fantasia literária tem nutrido grande interesse.

Para entendermos o que as obras desses autores têm em comum introduzimos a seguinte noção de universo de discurso:

[...] conjunto de discursos manifestados e manifestáveis, que tendem *ad infinitum*, reunidos por *critérios de equivalência*, ou seja, caracterizados por *constantes* e *coerções*, suscetíveis de configurar uma *norma discursiva frástica* e *transfrástica*, discursos que mantêm entre si redes de relações intertextuais e interdiscursivas, inseridos num contexto linguístico e sociocultural, pertencentes à *macrossemiótica* de uma cultura (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 81).

Em outras palavras, um universo de discurso nessa concepção constitui uma classe de discursos manifestados que compartilham certas características que os tornam reconhecíveis como parte de dado universo. Para o reconhecimento dessas características, os conceitos de arquidiscurso e arquiteixo se tornam relevantes, uma vez que se configuram em subconjuntos-intersecção que conduzem à interdiscursividade e à intertextualidade, respectivamente, além de assegurarem a interpretação textual.

Um universo de discurso estabelece e renova incessantemente uma rede de relações intertextuais entre os textos manifestados, enunciados, e uma rede de relações interdiscursivas, entre os processos discursivos de produção realizados. Esses textos e discursos apresentam, pois, certas características comuns e constantes, correspondentes a uma norma discursiva. A intersecção entre os diferentes textos pertencentes a um universo de discurso conduz à configuração de um arquiteixo [...]; a intersecção entre os discursos (processos) envolvidos conduz, por sua vez, à configuração de um arquidiscurso [...] (BARBOSA, 2007, p. 435).

Como exemplo, citamos a serialização enquanto modo de produção discursivo cada vez mais frequente e caracterizador do arquidiscurso do universo de discurso literário de fantasia. Esse modo de produção remonta às tragédias gregas apresentadas como trilogias. Mais recentemente, a comodificação da fantasia contemporânea pode ser creditada como um dos fatores que tem levado à produção de séries multi-volumes. Diferentes manifestações discursivas desse universo tendem a apresentar os textos, a

torná-los fisicamente presentes no mundo, em volumes sequenciados, configurando as chamadas séries literárias, como *The Lord of the Rings* (três volumes), *His Dark Materials* (três volumes), *Inheritance Cycle* (quatro volumes), *Percy Jackson and the Olympians* (cinco volumes), *The Chronicles of Narnia* (sete volumes), *Harry Potter* (sete volumes), *Discworld* (41 volumes), dentre muitas outras. Esse aspecto, de produção literária em séries, por ser uma característica comum a diferentes discursos-ocorrência nos conduz a considerá-lo como uma marca que nos permite agrupá-los em um universo de discurso específico, mesmo não sendo um critério exclusivo. Stableford (2005, p. 367) explica que, “sequelas<sup>14</sup> e séries são de importância particular na fantasia, porque a extrapolação de histórias existentes é uma forma elementar da geração de histórias na cultura oral, que foi levada para vários tipos de literatura de fantasia baseada em mito, lenda e folclore.”<sup>15</sup>

Outra característica que nos permite agrupar diferentes discursos-ocorrência no universo de discurso literário de fantasia é a construção de mundos ficcionais. Todo texto literário instaura um mundo ficcional, seja ele realista ou de fantasia. O que se observa é que os discursos literários caracterizados pela fantasia tendem a estabelecer relações intertextuais e interdiscursivas com discursos etnoliterários<sup>16</sup> em maior ou menor grau. Em outras palavras, os discursos literários de fantasia fazem uso de elementos presentes em manifestações discursivas mitológicas e folclóricas. A citação seguinte nos permite compreender que, no caso das literaturas de expressão em língua inglesa, as influências dos povos celta, romano e germânico contribuíram para a formação do imaginário folclórico herdado pelas manifestações literárias de fantasia contemporâneas.

As ilhas britânicas receberam a migração de povos de origem celta ainda durante a Idade do Ferro, e deles herdaram o folclore das fadas. Os romanos trouxeram a seguir os mitos clássicos da tradição greco-latina. Os povos germânicos apresentaram a literatura inglesa com narrativas de viagem, de aventura, e toda a sorte de monstros e criaturas sobrenaturais. A fusão desses imaginários distintos fez com que as literaturas de expressão inglesa se constituíssem como um terreno fértil para as ficções do insólito, apresentando

---

<sup>14</sup> “Continuação, sequência.” Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sequela>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

<sup>15</sup> No original: *Sequels and series are of particular importance in fantasy, because the extrapolation of existing stories is an elementary form of story generation in oral culture, which was carried over into various kinds of fantasy literature based in myth, legend, and folklore.*

<sup>16</sup> Barbosa (2010) classifica as seguintes manifestações discursivas como pertencentes ao universo de discurso etnoliterário: fábulas, folclore, lendas, literatura de cordel, literatura oral, literatura popular e mito.

tradição significativa em gêneros como o horror (que tem como alguns de seus expoentes Edgar Allan Poe, Stephen King e Bram Stoker), o romance policial e de mistério (Agatha Christie, Sir Arthur Conan Doyle e, novamente, Poe), a fantasia (J. R. R. Tolkien, J. K. Rowling) e a ficção científica, como nas obras de H. P. Lovecraft e H. G. Wells, por exemplo. Foram obras produzidas originalmente em língua inglesa que trouxeram à dimensão ficcional personagens como Victor Frankenstein e sua criatura, Professor Moriarty, Conde Drácula, Lorde Voldemort e o Senhor Hyde (ZANINI; MAGIO, 2015, p. 7).

Essa fusão de imaginários resultou em um universo rico e complexo de simbolizações que constituem o imaginário humano. Tal universo de símbolos e conceitos presentes em nível cognitivo quando ascendem ao nível semiótico são lexemizados em unidades lexicais. O conceito [animal formado pela junção de homem e cavalo] lexemizado na unidade lexical ‘centauro’ é um exemplo de criatura mitológica presente não só na série literária Harry Potter, mas em várias outras manifestações discursivas contemporâneas do universo de discurso literário de fantasia, como as séries *The Chronicles of Narnia*, *Artemis Fowl*, e *Percy Jackson and the Olympians*. Por se tratar de uma criatura que habita o imaginário humano há milênios, a unidade lexical ‘centauro’ caracteriza a intertextualidade estabelecida com outras manifestações discursivas do universo de discurso literário de fantasia e com discursos etnoliterários. Nesse exemplo, observa-se também o modo como elementos perceptíveis no mundo real, ‘homem’ e ‘cavalo’, se fundem em um conceito heterogêneo e ontologicamente divergente da experiência humana do mundo natural. Trata-se de um particular ficcional, possível não-real, elemento dependente da cognição e da semiose para adquirir existência.

Barbosa (2004), ao tratar da estrutura e formação do conceito em diferentes discursos esclarece que no discurso literário o *modus operandi* de construção do conceito é sintagmático, de maneira que é na cadeia sintagmática do discurso que paulatinamente se constrói um conceito. Além disso, prevalece o subconjunto conceptual de traços culturais em oposição aos traços naturais. Uma obra literária também é tida como autossuficiente na formação de um conceito, de modo que esse é instaurando no interior do próprio texto. Essa autossuficiência resulta na especificidade adquirida por unidades lexicais usadas em universos de discurso literários. Pais e Barbosa (2004, p. 98) explicam que, “as unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – intra-universo – e têm funções peculiares quanto à designação e à referência.”

Um exemplo dessa característica do discurso literário de fantasia é a unidade lexical *Horcrux*,<sup>17</sup> cunhada e conceptualizada exclusivamente em referência ao mundo ficcional da série Harry Potter. *Horcrux* pode ser um objeto, um animal ou uma pessoa em que o pedaço da alma de um bruxo é aprisionado por meio de magia e assassinato. Esse lexema é explicitamente definido no sexto volume da série e designa um conceito que qualificamos como ficcional, uma vez que, além de fazer referência a um mundo ficcional literário, resulta da mesclagem de traços semântico-conceptuais em um conceito que diverge da experiência biofísica humana do mundo real. Em outras palavras, a ação de despedaçar a alma e aprisioná-la em outras entidades para que alguém se torne imortal é um construto possível apenas em um mundo ficcional, cognitivamente concebido e semioticamente textualizado.

A expressão *Horcrux* atribuída ao conteúdo de *Horcrux* representa uma instanciação contemporânea de um conceito presente em momentos anteriores de uma cultura. Apesar de a denominação *Horcrux* ser exclusiva do mundo ficcional da série Harry Potter, o conceito em si mesmo apresenta intersecções com outras manifestações do universo de discurso literário de fantasia e com discursos etnoliterários. Por exemplo, apesar de não haver uma denominação específica, a relação que atrela Sauron ao Anel na trilogia *The Lord of the Rings* é semelhante ao conceito de *Horcrux*. Tanto em Harry Potter quanto em *The Lord of the Rings* o objeto material precisa ser destruído para que o seu possuidor também seja. Esse conceito também está presente, não sem variações conceptuais, em outras manifestações culturais, como em tradições de sociedades tribais da Sibéria, América do Sul e África (KRONZEK; KRONZEK, 2010). Observa-se o fazer cognitivo do enunciador em Harry Potter no engendramento da função semiótica na criação de uma nova unidade lexical para designar e particularizar um conceito referente ao mundo ficcional.

Em vista do que foi discutido podemos sumarizar alguns aspectos caracterizadores do universo de discurso literário de fantasia. Primeiramente, esse universo de discurso é caracterizado pela construção de mundos ficcionais que

---

<sup>17</sup> Kronzec e Kronzec (2010) sugerem que a denominação *Horcrux* é etimologicamente composta a partir do latim *horreum* ('estoque ou armazém') e *crux* ('essência') como na expressão inglesa *the crux of the matter*. Também há associações relativas à 'tortura' na palavra latina *crux* (cruz), que remete ao sofrimento acometido ao criador de *Horcruxes*. Assim, pode-se recuperar o conceito 'estoque para a essência ou alma', o que representa o conceito fundamental de *Horcrux*. Para outras observações quanto ao uso do latim em uma pequena amostra de unidades lexicais na série Harry Potter, conferir Carneiro (2014).

extrapolam o mundo real biofísico como o conhecemos. Em termos semânticos e cognitivos é um universo de discurso semanticamente heterogêneo em que ocorre a mesclagem de traços semântico-conceptuais do mundo real e do mundo ficcional. Unidades lexicais ficcionais denominam conceitos heterogêneos que mesclam traços semântico-conceptuais, reconhecíveis no mundo real, em conceitos pertinentes a um mundo ficcional. Em certos casos, como no caso de *Horcrux*, para denominar entidades de um novo mundo, a criação lexical se faz necessária. Em termos semióticos, é o texto enquanto signo primário que permite o acesso aos mundos ficcionais da fantasia, e é o signo que sustenta, cria e recria o mundo semioticamente para designar construtos possíveis por meio de atos cognitivos de imaginação. A produção discursiva em séries e a intertextualidade e interdiscursividade com discursos etnoliterários também são marcas caracterizadoras da fantasia literária. Assim, por meio desses processos o universo de discurso literário de fantasia elabora e reelabora o mundo real em mundos semioticamente construídos.

### **Considerações finais**

Buscamos caracterizar o universo de discurso literário de fantasia por meio da discussão de aspectos cognitivos, semióticos, semânticos e lexicais. Sem qualquer pretensão de exaustividade, evidenciamos características que particularizam a fantasia literária como um universo de discurso, principalmente em relação ao modo particular de conceptualização de unidades lexicais que é marcado pela imaginação criadora. A investigação lexical de discursos-ocorrência pertencentes ao universo de discurso literário de fantasia torna-se relevante para a compreensão de como o imaginário humano se constrói e diferentes conceptualizações vão se formando ao longo do tempo no processo de evolução das culturas. Assim, o universo de discurso literário de fantasia é um campo fértil para diversos estudos, como aqueles que investigam seus aspectos lexicais (CARNEIRO, 2014, 2016, 2018a,), fraseológicos (CARNEIRO, 2017a, 2017b, 2019) e estilísticos (CARNEIRO, 2018b).

Além disso, a análise de um discurso específico em intersecção com outros discursos de um mesmo universo é questão relevante para se compreender o uso que é feito do universo de discurso em um discurso particular e, como um discurso particular renova relações e expande dado universo. Essa questão está assim postulada por Jakobson (1975, p. 119-120): “é de se esperar que a Linguística explore todos os

problemas possíveis de relação entre o discurso e o ‘universo do discurso’: o que, deste universo, é verbalizado por um determinado discurso e de que maneira.” Dessa forma, torna-se relevante investigar como manifestações discursivas contemporâneas fazem uso de elementos já constituídos e correntes em dado universo de discurso, ou subvertem e renovam os elementos caracterizadores desse universo, explicitando assim processos de evolução de construções culturais.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado do autor realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### **Referências:**

BARBOSA, M. A. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. **Rev. bras. linguist. apl.**, v. 4, n. 1, p. 55-86, 2004 .

BARBOSA, M. A. Estudos em etno-terminologia: as unidades lexicais na literatura de cordel. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 539-555.

BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 433-445.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

CARNEIRO, R. M. O. **Discurso literário de fantasia infantojuvenil: proposta de descrição terminológica direcionada por corpus**. 2016. 281f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

CARNEIRO, R. M. O. Harry Potter e o Latim: um estudo analítico-descritivo baseado em corpus. In: **Anais do SIELP**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 3, n. 1, 2014.

CARNEIRO, R. M. O. Identificação de termos no discurso literário de fantasia da série Harry Potter em uma abordagem direcionada por corpus. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. (org.). **Linguística de Corpus: perspectivas**. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2018a. p. 341-361.

CARNEIRO, R. M. O. O jeito que a gente diz: convencionalidade e idiomaticidade. **Domínios de Lingu@gem**, v. 11, n. 3, p. 1075-1082, 2017a.

CARNEIRO, R. M. O. The interface between stylistics and phraseology. **Guavira Letras**, v. 14, n. 27, p. 141-151, 2018b.

CARNEIRO, R. M. O. Unidades fraseológicas e paremiológicas no discurso literário de fantasia: estudo de aspectos lexicais e semânticos de neologismos na série Harry Potter.

In: RAZKY, A.; SFAR, I.; SOUTET, O.; MEJRI, S. (org.). **Variations et dynamiques langagières**. 1ed. Paris: Presses de l'Université Paris Sorbonne, 2019. p. 417-426.

CARNEIRO, R. M. O. Unidades Fraseológicas e Paremiológicas no Discurso Literário de Fantasia Infantojuvenil da Série Harry Potter. In: ZAVAGLIA, C.; SIMÃO, A. K. G. (org.). **Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos**. 1ed. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2017b. p. 213-224.

CHATMAN, S. Discourse: nonnarrated stories. In: HOFFMAN, Michael J.; MURPHY, Patrick. D. (ed.). **Essentials of the theory of fiction**. Durham/London: Duke University Press, 2005. p. 139-149.

DOLEŽEL, L. **Heterocosmica: fiction and possible worlds**. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1998.

GREIMAS, A.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, et al. São Paulo: Contexto, 2016.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

JEHA, J. A semiose da fantasia literária. **Signótica**, v. 13, n. 1, p. 117-136, 2001.

KRONZEK, A. Z.; KRONZEK, E. **The sorcerer's companion**. 3. ed. New York: Broadway Books, 2010.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma etno-terminologia. **Matraga**, v. 11, n. 16, p. 79-100, 2004.

\_\_\_\_\_. **Contribuição a uma análise sociosemiótica e de processo cultural: léxico, metatermos, modalidades**. Acta Semiotica et Linguística, Vol 23 – ano 42 – Nº1 Janeiro a Junho de 2018, p.126-150. Tradução de Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. Portal de Periódicos da UFPB. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/43546>

STABLEFORD, B. **Historical dictionary of fantasy literature**. Maryland: Scarecrow Press, 2005.

STEGER, H. O que é linguagem literária? **Fragmentos**, n. 3, p. 101-140, 1987.

VOLLI, U. **Manual de semiótica**. Tradução de Silva Debetto C. Reis. 2. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2012.

ZANINI, C. V.; MAGGIO, S. S. (org.). **O insólito nas literaturas de língua inglesa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.